



O *Bellum Africum* e a construção da imagem do *Imperator* Júlio César

The *Bellum Africum* and the construction of the image of Julius Caesar *Imperator*

Michele Eduarda Brasil de Sá¹

Resumo: Este artigo apresenta a imagem de Caio Júlio César como *imperator*, construída de forma idealizada, revelando ensejos de propaganda política, na obra intitulada *Bellum Africum*.

Palavras-chave: *Bellum Africum*, *imperator*, Júlio César.

Abstract: This paper presents Caius Julius Caesar's image as an *imperator*, built in ideal terms, revealing aims for political propaganda, in the work entitled *Bellum Africum*.

Keywords: *Bellum Africum*, *imperator*, Julius Caesar.

A figura de Caio Júlio César é amplamente conhecida tanto na esfera dos estudos acadêmicos como entre o público leigo. A imagem daquele que foi (segundo muitos) o maior general romano encontra-se presente ainda hoje, seja de forma idealizada, seja de forma satírica (cf. a representação de Júlio César e dos romanos em geral em produtos como *Asterix*, *Monty Python – a vida de Brian*, entre outros).

Em sua época, César obviamente se esforçava para disseminar sua própria imagem da melhor maneira possível, no estilo mais arrojado de propaganda política, inclusive através de obras de sua autoria, como os *Comentarii de Bello Gallico* e *De Bello Civili* – ambos de incontestável valor literário, tais que figuram como modelos de latim clássico.

Muito menos conhecido que estes dois, o *De Bello Africo* ou *Bellum Africum* faz parte do *corpus Caesarianum*, mas seu autor é desconhecido. Tudo indica que tenha sido um lugar-tenente de César, atuante na campanha militar na África, conduzida para consolidar o domínio na região a partir de 47 a.C. (BOUVET, 1949: 8), após a Segunda Guerra Púnica. A. Bouvet, responsável pela tradução

¹ Professora Assistente da UFRJ. E-mail: michele_eduarda@yahoo.com.br

e pelo estabelecimento do texto latino da Société d'Éditions Les Belles Lettres, fonte primária deste artigo, assim descreve o autor (BOUVET, 1949: 33): “De fato, não desprovido de cultura, mas inexperiente, cesariano entusiasta, mas um espírito ingênuo e por vezes mal informado, o autor pode ter sido um tribuno de legião, mais precisamente um jovem oficial”.

Sem dúvida, criado este perfil, espera-se um relato parcial e tendencioso. Os inimigos não são apenas os africanos liderados pelo rei Juba, mas também soldados romanos de Pompeu, Labieno e Cipião. A vitória de César nesta campanha tem como conseqüências algumas mudanças políticas e territoriais no norte da África, além do fortalecimento da imagem de César como defensor de Roma, leal à pátria, combatendo os “desertores”.

O autor apresenta as dificuldades enfrentadas na África, para as quais haveria pouca esperança, salvo a que advinha da presença de seu *imperator* – “comandante”; etimologicamente, “o que dá as ordens” (SÁ, 2008: 16-17):

Com uma tropa de fato pequena, sendo ela de recrutas e não toda desembarcada, na África eles se viram expostos contra grandes forças militares e inumerável cavalaria de uma insidiosa nação, e não percebiam nenhum reforço naquele momento, nem auxílio entre o conselho dos seus, a não ser no semblante, no vigor e na jovialidade admirável de seu próprio comandante; na verdade, ele ostentava uma disposição ativa e direita.

Nele os homens encontravam repouso, na sabedoria e instrução dele todos esperavam que todas as coisas haveriam de ser fáceis de executar. (BA, 10)

Por várias vezes no texto fica evidente a tropa pouco numerosa de César, fazendo frente à multidão de inimigos. É bem pouco provável que episódios que narram a vitória de César em franca desvantagem diante de seus opositores tenham de fato ocorrido como se conta neste diário de batalhas.

Duas vias de relativização devem ser traçadas para que não se perca o texto de vista: em primeiro lugar, não se deve negligenciar a função política da obra, que propaga César como um verdadeiro herói; em segundo lugar, a preocupação de cunho historiográfico vigente prezava o narrar com arte, fugindo à tendência – surgida muito posteriormente – da história em busca da verdade (conceito que, por si só, daria margem a discussão e outros níveis de relativização). Dito isto, é necessário observar o *Bellum Africanum* com a devida reserva.

Não obstante, a maneira como o autor deixa entrever as qualidades do *imperator* é notável. A autoridade e o nome de César impõem respeito também aos inimigos (BA, 31). O seu zelo nas fortificações e na preparação das

defesas (BA, 20), além da bravura e da astúcia nas estratégias de ataque, causa a todos admiração, segundo o autor, que registra com certa minúcia tanto uma quanto outra atitude, de defesa ou de ataque.

Há, no parágrafo 16, um relato curioso: o “soldado anônimo”, que resiste às palavras e à espada de Labieno. Não há nada que identifique o soldado, e pouca informação que o descreva; contudo, deduz-se da narrativa sutil e velada que se trata do próprio César entre os novatos, combatendo ferozmente o inimigo (SÁ, 2008: 18-19):

Então o soldado responde: “Não sou novato, Labieno, mas veterano da décima legião.” Então Labieno lhe diz: ‘Não reconheço as insígnias dos soldados da décima.’ Então lhe diz o soldado: ‘Já saberás quem eu sou.’

No mesmo instante, tirou o capacete da cabeça, para que pudesse ser reconhecido por ele, e assim, enquanto fazia por lançar com todas as forças o dardo brandido contra Labieno, fincou-o violentamente no lado exposto do peito do cavalo e diz: ‘Labieno, reconhece que soldado da décima legião é o que te ataca.’ Porém os ânimos de todos foram lançados ao terror, e mais ainda os dos recrutas; com efeito, eles procuravam César e nada faziam a não ser evitar os dardos do inimigo.” (BA, 16)

Esta atitude não só aproxima o comandante de seus comandados, mas também inspira neles uma admiração ainda maior pelo *imperator*. Um episódio que demonstra a lealdade dos comandados é a palavra de um centurião Juliano diante de Cipião, quando da oportunidade concedida. Além de não reconhecer a autoridade do inimigo, ele propõe um desafio que mostrará a qualidade dos subordinados – o que vai muito além da imagem de César e a transfere a todos os que lhe são fiéis (SÁ, 2008: 31):

Por causa de teu grande favor, Cipião, eu te agradeço – não te chamo, na verdade, comandante –, pois prometes a mim, um prisioneiro de guerra, a vida e a integridade física; e talvez eu fizesse uso desse favor, se um enorme crime não estivesse atrelado a ele. Por acaso eu me apresentarei como inimigo e armado contra o meu comandante César, junto a quem eu conduzi uma ordem, e contra o exército dele, pela dignidade e vitória do qual eu combati por mais de trinta e seis anos?

Eu não hei de fazê-lo e te aconselho com todas as forças que desistas. De fato, é lícito que conheças agora o homem contra cujas tropas contendes, se não experimentaste muito pouco até agora. Escolhe dentre os teus uma coorte que imaginas ser a mais forte e forma-a contra mim; eu, por outro lado, tomarei não mais do que dez dentre os meus companheiros de armas que agora tens em teu poder. Então, através da nossa coragem compreenderás o que deves esperar das tuas tropas. (BA, 45)

Além disso, César se comove e se preocupa com as cidades atingidas pelo conflito, quando os *oppidani* vêm pedir-lhe socorro; não se trata apenas de compaixão, da demonstração de um sentimento compartilhado, mas de ação, pois ele de fato os auxilia (BA, 26, 77). Contrasta decisivamente com a crueldade dos inimigos (BA, 87), revelada através da destruição que trazem ao perceberem que tal cidade apoiou César ou lhes recusa ajuda contra ele, bem como da crueldade com que tratam seus prisioneiros (BA, 46).

Mesmo quando a astúcia e a audácia de César (BA, 66) não são descritas diretamente pelo autor, indiretamente ele comenta a incompetência dos inimigos (BA, 50), a soberba do rei Juba (BA, 57), o fato de se achegarem tantos desertores à tropa de César (BA, 35), que são por ele acolhidos e remunerados.

A audácia de César pode ser verificada também em combate no mar, contra os inimigos e sob os percalços produzidos ali pela natureza. A descrição do resgate dos navios é algo que literalmente vai além (SÁ, 2008: 39):

Depois, ele mesmo entra numa pequenina embarcação, no caminho alcança Áquila agitado e aterrorizado pela grande quantidade de navios e começa a perseguir a frota dos inimigos. Enquanto isso, Varo, impressionado pela rapidez e pela audácia de César, virando os navios com toda a frota, põe-se a fugir na direção de Adrumeto.

César, tendo-o perseguido por quatro mil passos, recuperado um navio de cinco ordens de remos com todos os seus soldados de marinha e ainda capturados cento e trinta guardas dos inimigos naquele navio, tomou um próximo navio trirreme dos inimigos, que se demorara ao combatê-lo, carregado de remadores e soldados de marinha. Os navios restantes dos inimigos passaram o promontório e se destinaram todos ao porto de Adrumeto.

César não pôde, no mesmo vento, ultrapassar o promontório, e tendo demorado naquela noite em alto mar, ancorado, chegou a Adrumeto na primeira luz do dia, e lá, incendiados os navios de carga que estavam fora do porto, retirados ou impelidos para o porto todos os restantes, deteve-se pouco tempo, caso eles quisessem combater com a frota, e em seguida recolheu-se ao acampamento. (BA, 63)

Tamanha ousadia não pode ser colocada nos mesmos termos que a *hybris* de um Aquiles ou de um Ulisses. Os romanos tinham entre seus valores principais a *pietas*. César é *pius*, além de um grande comandante e guerreiro. Esta *pietas* encontra-se enraizada na cultura romana desde o seu grande pai troiano, *pius Aeneas*, e para a *gens Iulia*, a família de Caio Júlio César, este valor

é especialíssimo, pois tem seu nome derivado diretamente de Iulo Ascânio, filho de Enéas.

A *pietas* compreende o respeito às tradições mais antigas, a observação dos ritos que aplacam os deuses – ainda que tais manifestações sejam apenas externas e a fé seja nada mais que aparente. Por isso, César celebra o *Armilustrium* (BA, 75), a festa de lustração das armas em honra ao deus Marte, mesmo em meio à guerra – que, para este deus, não poderia significar maior louvor.

Atento a todos os detalhes, exigindo o máximo de seus soldados no treinamento, César instruía as tropas pessoalmente (SÁ, 2008: 42):

César, contra tipos de inimigos deste modo, instruía suas tropas não como um comandante instrui um exército veterano e vencedor com feitos grandiosos, mas como um lanista instrui gladiadores recrutas: ensinava a quantos pés se recolheriam do inimigo e de que modo se apresentariam aos adversários, e em quão pequeno espaço resistiriam, se avançariam ou se retrocederiam e ameaçariam um ataque, e para perto de qual lugar, e como lançariam as armas. (BA, 71)

A rigidez dos exercícios de combate e a dureza do *imperator* eram compensadas pelas suas palavras de exortação na hora em que a dúvida e o terror começavam a brotar nos corações, especialmente dos novatos. César não era apenas um comandante: era um homem público, hábil com as palavras, conhecedor de retórica. Se tudo mais falhasse, sem dúvida o desejo de glória e fama, natural em todos os seres humanos, inflamado pelas palavras do *imperator*, proporcionariam maior ânimo aos combatentes (SÁ, 2008: 46):

César mesmo, correndo para um e outro lado a pé perto dos soldados, lembrando as virtudes dos veteranos e os combates mais recentes e, falando brandamente, excitava os ânimos deles. Exortava os recrutas, também, que nunca tinham pelejado na linha de batalha, a que imitassem a coragem dos veteranos e a que desejassem possuir a fama, o lugar e o nome deles através da vitória obtida. (BA, 81)

Em determinado momento, há espaço na obra para um discurso de César, que defende a sua própria clemência, mas estabelece punições para os traidores (BA, 54). Aliás, a sua clemência é mais lembrada que o seu rigor de punir (BA, 46, 64, 85, 89, 92). Em um dos episódios, o *imperator* chega a implorar aos seus soldados que poupem os inimigos (SÁ, 2008: 48):

Assim todos estes soldados de Cipião foram mortos à uma, apesar de implorarem a proteção de César, ele mesmo observando isto e implorando dos soldados que eles os poupassem. (BA, 85)

Enfim, num momento crucial na história de Roma, quando se expandem os domínios para o Oriente, a Espanha e a África, o autor do *Bellum Africanum* se empenha ao máximo por fazer de César, através da imagem do *imperator* em plena campanha militar, o tipo ideal do governante de que os romanos precisam: forte, mas sensível às necessidades dos mais fracos; rígido e exigente, mas sem deixar de exercitar a clemência quando apropriado; mais experimentado na vida pública do que outros que tinham a mesma idade, e ao mesmo tempo vigoroso como um jovem; bom estrategista, carismático, observador dos costumes (inclusive os religiosos). Um governante completo se apresenta ao caos social e político da *Vrbs* minada pela corrupção.

Bibliografia

- BOUVET, A. "Introduction". In: CÉSAR. *La Guerre d'Afrique*. Texte établi et traduit par A. Bouvet. Paris: Société des Éditions Les Belles Lettres, 1949.
- CÉSAR. *La Guerre d'Afrique*. Texte établi et traduit par A. Bouvet. Paris: Société des Éditions Les Belles Lettres, 1949.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1985.
- SÁ, Michele Eduarda Brasil de. *A construção da temporalidade no Bellum Africanum*. 2008. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.